

Impresso
na
Câmara Legislativa
do Distrito Federal

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII

Nº 97/102

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de
Raquel
de Queiroz

Órfão de pai vivo

□ FLÁVIO R. KOTHE

– Eu sou um órfão de pai vivo.

Era isso o que me dizia o corpo inteiro do meu filho de quatro anos, com seu olhar distante, desviado de mim. O menino estava pendurado na grade da cerca, exatamente onde ela se encontrava, na entrada da garagem, com a cerca que vinha da lateral da pequena casa. Eu não morava com ele e a mãe dele. Só às vezes podia visitá-los.

Eu pagava o aluguel, as contas de água, luz e telefone, mas mesmo assim era insuficiente o que eu fazia. Por mais que eu desse, mais queriam que eu desse. Já por isso eu não queria morar com eles. A mãe trabalhava sim, mas ganhava pouco. O meu salário não era o de um paxá.

O menino, esperto, cada dia percebia melhor o que se passava. Ele dizia:

– Na casa do tio Hito é tudo melhor.

E a avó dele dizia:

– Na casa da Néia ele come de tudo, basta colocar no prato. Aqui é essa enrolação, ele não almoça e nem janta direito.

Na minha família, ninguém sabia que ele existia. Eu havia tentado contar à minha filha de dezessete anos que ela tinha um

irmão, mas ela nem quisera ouvir nada:

– É uma puta a mulher que for sua amante.

Eu havia tentado argumentar que não era assim, que podiam ocorrer novas paixões e que, de qualquer maneira, a criança era inocente de qualquer coisa que os adultos tivessem feito. De nada, porém, adiantara. Apenas me havia restado calar, esperando que um dia ela pudesse amadurecer. Com a minha esposa nem adiantava falar. Eu apenas dissera, vendo que ela não imaginava que eu a estivesse “traíndo”, que eu tinha de fato um filho fora do casamento, para ouvir a explosão:

– Você é mesmo um safado, sem ética nenhuma. Que nem o seu irmão. Eu não quero que essa criança apareça nunca aqui em casa.

Sim, eu poderia ter me separado da minha esposa e ido viver com o pequeno Aldo e sua mãe. Tanto ela quanto eu sabíamos, no entanto, que não havíamos sido feitos para



vivermos juntos. Ela era espírita, eu era ateu; ela tinha sangue negro e índio, eu era um ariano puro; ela se contentava em ser professora primária, eu pretendia pesquisar e publicar; ela gastava todo o salário até a metade do mês, comprando coisas que ela não podia pagar, e eu lutava para que o mês coubesse no salário, etc. Quanto mais perto ficávamos, mais aumentava a distância entre nós.

Eu não queria sair de um mau casamento para entrar em outro ainda pior. Eu havia conversado sobre isso com Káti, a mãe de Aldo, e ela dissera:

– Nem pensar a gente morar junto. Nós somos como água e óleo.

Exemplo disso era o nome do menino. Eu sugerira diversos nomes, sendo Alvim o meu predileto. Eu era contra o nome Aldo, pois repetia o nome do meu irmão. Exatamente esse havia

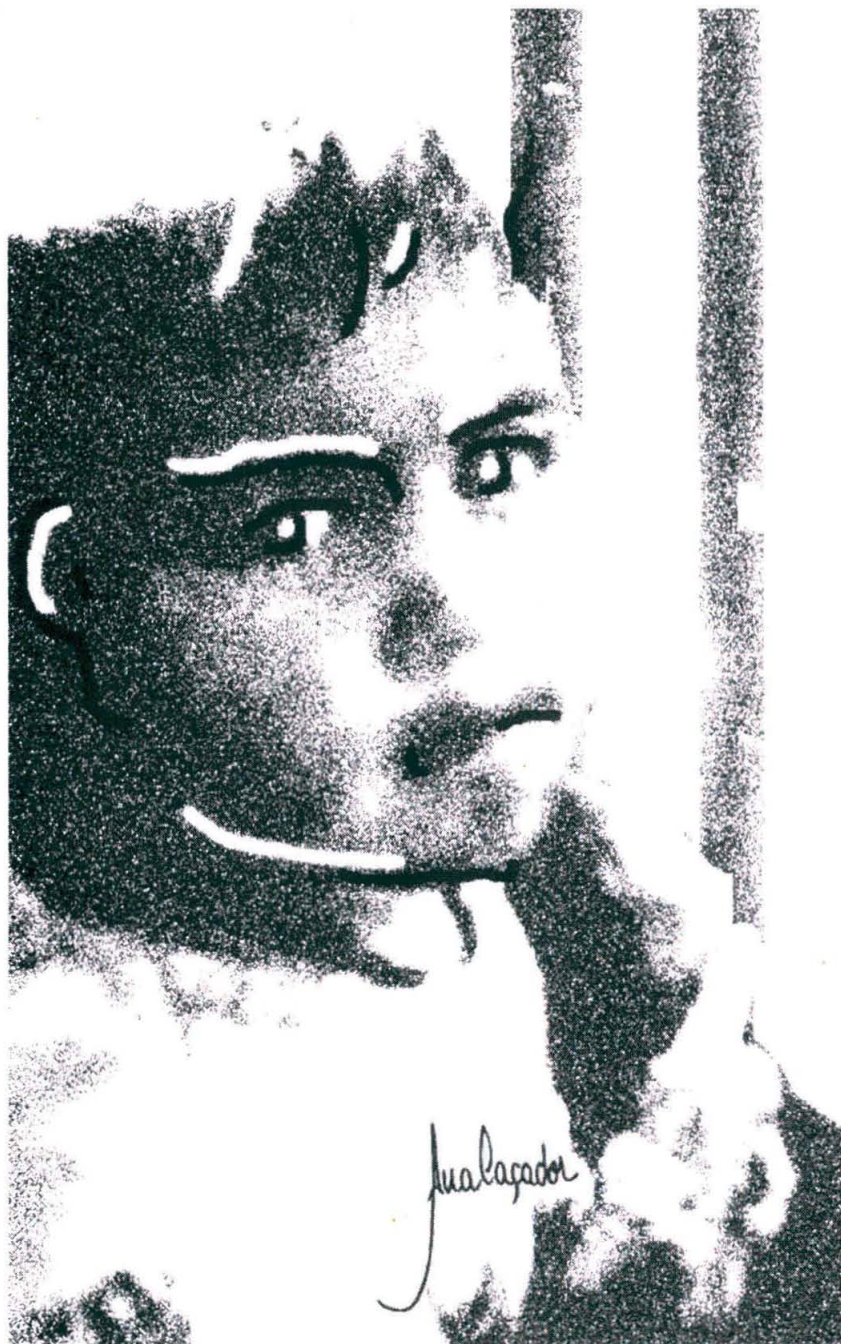
sido, porém, o nome que a mãe havia registrado no cartório. Havia tido o cuidado, no entanto, de não colocar o nome do pai; queria que eu mesmo fizesse isso:

– Menino gosta de usar o nome do pai.

Eu, é claro, havia ido ao cartório e declarado que o menino era meu filho. Fossem quais fossem as conseqüências, eu não ia deixar abandonado um filho meu. O mínimo que eu podia fazer, de início, era declará-lo meu filho. Eu já não podia, porém, mudar o seu nome inicial: apenas pudera acrescentar o meu sobrenome.

O nome era sempre, no entanto, um sinal de divergência. Eu não entendia por que, havendo milhares de nomes possíveis, a mãe tivera de dar exatamente o nome que repetia um nome já existente na família. Era como se dissesse que jamais aquele menino seria conhecido por qualquer membro da minha família. A minha mãe não sabia que tinha mais um neto; o meu irmão, que tinha um sobrinho. O menino tinha no nome já existente uma não existência.

Se eu não conseguia me entender bem com minha esposa, que tinha tudo para se acertar comigo e não conseguia há vinte anos, por que apostar que eu conseguiria isso com outra mulher, em relação à qual eu tinha de me segurar a cada semana para não entrar em uma discussão brava? Quanto mais próximos estivéssemos, mais distantes ficaríamos. Morando longe um do outro, só nos vendo uma vez por semana durante algumas horas, conseguíamos nos entender muito bem. Ela era mulher de coragem, uma excelente mãe, que tinha aceito o nosso filho como eu nunca vira a



minha esposa aceitar a minha filha.

Mais estranha era a nossa intimidade. A minha esposa, por doze anos, não conseguira ter um único orgasmo. Eu havia me acostumado a procurar outras mulheres, que me compensassem a frustração. Não eram prostitutas, mas moças que me amavam ou que, ao menos, gostavam de mim. Quebrei alguns corações e houve despedidas em que, confesso, cheguei a chorar.

Havia, porém, na pele da minha esposa uma tal seda, e no cheiro dela uma tal fragrância que nenhuma mulher podia para mim igualar. Se eu me separasse dela, ficaria sentindo para sempre sua falta. Se eu a visse na companhia de outro homem, isso me abalaria até o fundo da alma.

Para os moralistas, eu seria um calhorda completo; para mim, a vida era mais complexa do que qualquer moral. Enquanto eu ainda sentisse prazer em tê-la nos braços, enquanto eu ainda sentisse falta de sua presença, enquanto me incomodasse o que ela fizesse contra mim, não poderia me separar dela. Não tinha sentido sair de casa e depois morrer de saudade. Menos ainda, separar-me da esposa para mais tarde voltar a casar com ela.

O mesmo eu não podia dizer de Káti. O sexo que eu tivera com ela fora o mais selvagem cio que eu vivera em toda a minha vida. Estranhamente, isso havia passado depois que Aldo nascera. Ela dizia que sua vida sexual já havia se encerrado. Eu conseguia até acreditar, pois não percebia nela o menor impulso de procurar outro homem, aproveitar-se de mim para se esbaldar. Não. Era mulher muito sensata e pondera-

da. Estava tão encantada com o próprio filho que parecia ter parido um deus.

O menino era, de fato, um encanto. Falava tudo, mas, naquele dia, decidira não falar nada. Apenas havia se retirado, desaparecido, até que o descobri pendurado no canto da cerca de grades, espiando para a rua e mostrando claramente que não queria falar comigo. Eu fui então falar com ele:

– Aldo, eu gosto muito de você. Por que você não quer falar comigo? Por que você está bravo comigo? O que foi que eu fiz?

E ele, nada de responder. Calado, ficou pendurado na cerca. Nem olhou para mim. Olhava para a rua, mas como quem não via nada.

– Quem não quer, já tem, ouvi-me dizer.

Dei-lhe as costas e fui para a sala, onde fiquei conversando com a mãe dele. Meia hora depois, vi que ele havia ido para o quarto da mãe. Decidi ir até lá. Tornei a perguntar o que se passava com ele. Depois de vários minutos calado, ouvi uma voz engasgada dizer baixinho:

– Eu queria ir no Shopping.

– Ah, só isso? Eu não sabia que você queria. Acontece que esta semana estamos sem dinheiro. Na semana que vem já devo ter recebido o meu salário e daí nós podemos ir.

Eu sabia, no entanto, que isso não era toda a verdade. Ele havia aprendido a me cobrar presentes pelas minhas ausências, e eu sabia que eles não compensavam a carência básica. Eu não podia, porém, me obrigar a morar com



ele e a mãe, sacrificando a companhia da minha filha e a presença da esposa, ainda que fosse pelos poucos anos em que elas ainda morariam comigo.

Morrer eu também não podia, embora fosse uma solução para mim. Não seria, no entanto, uma solução para a assistência que eu precisava dar ao meu filho, fossem quais fossem as condições de convivência cotidiana que tivéssemos. No momento, não me restava senão deixar tudo como estava, não mexer no que só podia piorar se fosse submetido a uma cirurgia. Eu confiava que a vida mesma haveria de encontrar um dia a solução mais adequada.